

O sátiro, a mulher, o gato e o incenso: a trajetória de um desenho de Calixto Cordeiro

Maraliz Christo, UFJF-CBHA-CNPq-FAPEMIG

O texto analisará um desenho de Calixto Cordeiro (1877-1957), pertencente ao Museu Mariano Procópio. O desenho apresenta uma associação de elementos ligados à luxúria. Calixto trabalhou em quase todas as revistas ilustradas do Rio de Janeiro, incluindo as primeiras consideradas pornográficas. O desenho data de 1947, contando o pintor 70 anos. Dedicou-o a Simoens da Silva, que possuía em sua casa-museu “dezenas de desenhos de mulheres nuas acima de seu leito”. Simoens morrerá um ano depois e suas coleções serão leiloadas em 1957. Talvez, nessa data, o major Waldir dos Santos Lima tenha adquirido o desenho. Após o falecimento do, então, General, em 1965, sua família o doou ao Museu Mariano Procópio, juntamente com outros nus de sua coleção. Pretendemos verificar como o estudo do desenho e sua trajetória pode contribuir para a compreensão o colecionismo de nus.

Palavras-chave: Calixto Cordeiro, Museu Simoens da Silva, Museu Mariano Procópio

*

The text will analyze a drawing by Calixto Cordeiro (1877-1957), belonging to the Mariano Procópio Museum. The drawing presents a combination of elements connected with lust. Calixto worked in almost every illustrated magazine in Rio de Janeiro, including the first ones considered pornographic. The drawing dates from 1947, the painter being 70 years old. He dedicated it to Simoens da Silva, who had in his house-museum “dozens of drawings of naked women above his bed.” Simoens will die a year later and his collections will be auctioned in 1957. Perhaps, on that date, Major Waldir dos Santos Lima acquired the drawing. After the death of the then General, in 1965, his family donated it to the Mariano Procópio Museum along with other nudes from his collection. We intend to investigate how the study of the drawing and its trajectory can contribute to the understanding of nude collecting.

Key words: Calixto Cordeiro, Simoens da Silva Museum, Mariano Procópio Museum.

Instigada pela temática proposta para o colóquio, deparei-me, no Museu Mariano Procópio, com um desenho de Calixto Cordeiro (1877-1957), onde se vê uma mulher em nu frontal, em pé, levemente inclinada para trás, encostada numa superfície alta, coberta por um tecido. Sua mão direita é segura por um sátiro, amparando-a, enquanto um gato preto lhe acaricia o ombro esquerdo. Ao chão, um incensório desprende fumaça direcionada a seu ventre¹. (fig.1)



À esquerda | Fig.1. Calixtro Cordeiro, s.t. (*Luxúria*), 1947. Desenho (lápiz de cor vermelho e azul e grafite), papel, 42,0 x 33,0 cm., Museu Mariano Procópio. À direita | Fig. 2. Jean Louis Théodore Géricault, *Ninfa e Sátiro*. Lápiz s/papel, Musée des Beaux-Arts Rouen

O estudo desta obra de Calixto Cordeiro e sua trajetória cria a oportunidade de debater-se a iconografia presente e, principalmente, o hábito de colecionar-se desenhos de nus.

A iconografia do desenho

O desenho apresenta uma associação de elementos ligados à luxúria: gato, sátiro e nudez.

Ainda não identificamos se o tema se relaciona a alguma fonte literária específica. Entretanto, a hipótese parece plausível. O desenho concentra-se na parte direita e superior da folha, abrindo espaço no canto inferior esquerdo, possivelmente, para um texto. Sem a fonte literária, podemos apenas trabalhar com os elementos iconográficos, isolados de uma narrativa.

¹ Calixto Cordeiro, s.t. (*Luxúria*), 1947. Desenho (lápiz de cor vermelho e azul e grafite), papel, 42,0 x 33,0 cm., Museu Mariano Procópio.

A iconografia de sátiros e ninfas é numerosa, podendo-se destacar as produzidas por Géricaut (fig.2) ou Bouguereau. Este tema mitológico favorece a exploração do corpo e do erotismo. Entretanto, o desenho não parece representar uma ninfa. A mulher está sendo possuída pela fumaça e não pelo sátiro. O tecido e o incensório sugerem um ambiente interno e não a natureza, onde sátiros e ninfas convivem.

O gato preto, animal ligado à sensualidade, aparece, por vezes, em companhia de mulheres nuas. Talvez o mais conhecido seja o que acompanha Olympia, no quadro de Manet. O gato de Calixto recorda, ao roçar a cabeça contra o ombro da mulher, os bichanos de Adolphe Willette. Aproxima-se, particularmente, dos estudos de Willette para os vitrais do cabaré *Le Chat noir*, a exemplo do pertencente ao Museu d'Orsay, Paris (fig.3). Herman Lima, em artigo para *O Malho*, de 1948, já apontava as influências francesas sofridas por Calixto Cordeiro no início de carreira, relacionando entre elas Adolphe Willette.



À esquerda | Fig. 3. Adolphe Willette, *La vierge au chat*, 1881. Étude préparatoire pour le vitrail du cabaret du Chat Noir, Musée d'Orsay À direita | Fig. 4. Eugène Thivier. *Le cauchemar*, 1894. Mármore, 215 x 133 x 71 cm., Musée des Augustins, Toulouse

O corpo nu da mulher está tenso, o rosto contraído, a mão esquerda crispada sobre o tecido, lembrando a escultura de Eugène Thivier, *Le cauchemar*² (fig.4). Embora não se possa dizer que a mulher esteja tendo um pesadelo, por estar em pé, essa associação é poderosa. A escultura de Thivier, remete a outro « cauchemar », o representado por Johann Heinrich Füssli, um século antes³. O elemento que os uni é a indefinição: os seres do pesadelo existem ou não na cena representada? O pesadelo é uma fantasia da mente ou seres obscuros se

² Eugène Thivier. *Le cauchemar*, 1894, Musée des Augustins, Toulouse

³ Johann Heinrich Füssli, *Le Cauchemar (The Nightmare)*, 1781. Óleo s/tela, 101,6 x 127,7 cm., Detroit Institute of Arts. O pintor realizou várias versões da tela.

apoderam daqueles que dormem? Tanto Thivier quanto Füssli mostram um incubus, espécie de demônio, sobre o corpo da mulher. Acreditava-se que o incubus aparecesse em sonhos propiciadores de prazer à vítima, ou quando a mesma não tivesse capacidade de se defender. Ele assume forma sedutora, atraindo a vítima para si com seu magnetismo, sugando-lhe a energia sexual. Nem o sátiro, tampouco o gato, podem ser caracterizados como um incubus, mas a situação vivenciada pela mulher de Calixto lembra um pesadelo.

A tensão do corpo nu é provocada pela fumaça, saída do que parece ser um incensório. A fumaça percorre o corpo, atingindo o ventre, sugerindo possuí-la. Cenas associando nudez a incenso são mais raras nas artes plásticas. Incenso é uma substância resinosa, muito aromática, extraída de certas árvores, que, ao ser queimada, espalha odor intenso, geralmente utilizada em cerimônias litúrgicas, aproximando fiéis e divindades, purificando corpos e almas. Calixto Cordeiro estaria nos propondo uma inversão de valores?

O artista Calixto Cordeiro (K. Lixto)

Calixto Cordeiro foi desenhista, ilustrador, litógrafo, pintor e professor, considerado um dos mestres da caricatura no Brasil até 1925. Iniciou a carreira em 1898 e trabalhou em quase todas as revistas ilustradas do Rio de Janeiro, de seu tempo. Segundo Herman Lima, Calixto contribuiu com as primeiras revistas pornográficas editadas no país: *O Rio Nu* (1898-1916), *O Riso* (1911-12) e *A Maçã* (1922-1929)⁴.

O Rio Nu foi o principal representante do chamado, então, “gênero alegre”. Em sua redação encontravam-se jovens pertencentes à boêmia literária, dentre eles, o seu principal redator, um dos responsáveis pelo caráter humorístico do mesmo, J. Brito. As ilustrações aparecem no periódico a partir de 1900, na maioria das vezes, não assinadas, dificultando-se a apreensão do que fizera Calixto Cordeiro.

O Riso inicia-se em 1911, tendo como redator-chefe Rebello Braga. Nos primeiros números divulgou apenas fotografias eróticas de atrizes e bailarinas nuas, a exemplo da atriz parisiense Jane Dlyane. Ao longo do mesmo ano, foi incluindo ilustrações assinadas por VCT ou K.L. É possível que K.L seja pseudônimo de Calixto Cordeiro.⁵

A maçã foi dirigida pelo Conselheiro X.X., pseudônimo do escritor Humberto de Campos. Circulou pela primeira vez no dia 11 de fevereiro de 1922. Seus contos de literatura galante, recheados de traições e desejos proibidos, caíram no gosto do público, assim como suas ilustrações bastante picantes para a época. Em *A maçã*,

⁴ LIMA Herman, “K.Lixto” *História da caricatura no Brasil*, Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1963, v.1., p. 1014-1048.

⁵ AZEVEDO, Natanael Duarte de. *Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros*. João Pessoa (Paraíba), 2015 (tese, CCHLA-UFPB)

encontramos capas e desenhos assinados por Calixto Cordeiro, com o próprio nome ou com o pseudônimo de Lup⁶ (fig.5).



Fig. 5. Revista A Maçã, Rio de Janeiro, Ano V, Num. 217, 3 de abril de 1926.

É difícil dizer se o trabalho de Calixto Cordeiro para as revistas consideradas pornográficas, nas duas primeiras décadas do século, reverbera no desenho do Museu Mariano Procópio, datado de 1947, tendo o artista aproximadamente 70 anos. Mas o traço continua firme e o interesse pelo corpo feminino também.

⁶ HALUCH, Aline. *A maçã: O design gráfico, as mudanças de comportamento e a representação feminina no início do século XX*. Rio de Janeiro: Ed. Senac, 2016.

Em alguns momentos de sua produção, Calixto Cordeiro dialogou com o simbolismo, tendo ilustrado, em 1907, o conto *Morte do palhaço*, de Gonzaga Duque, para a revista *Kósmos*, aproximando-se da obra de Félicien Rops. Interessante notar que, no último desenho para o conto, a figura da morte porta uma vela, cuja fumaça envolve o infeliz trapezista.

Calixto Cordeiro abandonou a imprensa no final dos anos de 1920. Em entrevista à *Revista da Semana*, em 1947, ano em que realizou o desenho em análise, justificou a saída em função da ditadura de Getúlio Vargas. Entretanto, desde 1925 (portanto, antes do golpe de Vargas) tornara-se professor de escola pública e dedicara maior atenção à ilustração e à publicidade⁷. Segundo Quirino Campofiorito, Calixto teria deixado a imprensa por manter-se apegado aos preceitos acadêmicos, não acompanhando “as novas exigências do gosto artístico”⁸. De fato, como observamos antes, o desenho de 1947 em estudo não apresenta nenhuma inovação.

Calixto Cordeiro trabalhou até próximo da morte, em 1957. Seus originais encontram-se dispersos, entretanto, parte foi doada ao Museu Nacional de Belas Artes, correspondendo em sua totalidade a desenhos destinados ao semanário *D. Quixote*, que circulou entre 1917 e 1927⁹.

O Museu Simoens da Silva

Calixto Cordeiro dedicou o desenho, realizado a lápis de cor vermelho e azul e grafite, pertencente ao Museu Mariano Procópio, a Antônio Carlos Simoens da Silva (1871-1948).

Simoens criou um museu particular, ocupando praticamente toda a residência da família, em Botafogo, no Rio de Janeiro. As coleções refletiam múltiplos interesses, organizadas em três seções: I. Antropologia, Mineralogia e Zoologia; II. História; e III. Pinacoteca.¹⁰ Na pinacoteca, duas coleções chamam a atenção: as caricaturas, representando o próprio colecionador, e os nus, na maioria desenhos.

No catálogo publicado em 1957, quando toda a coleção foi leiloada pela viúva, encontram-se uma “caricatura do Dr. Simoens, representando Padre” (nº143), assinada por Calixto Cordeiro. Embora não conste a data da caricatura no catálogo, ela foi realizada no máximo até 1905. Em setembro deste ano, o

⁷ Realizou anúncios para a Loteria Federal, cigarros York, fumos e cigarros marca Veado, Bromil, Lugolina, Saúde da mulher, Bayer, Sanagryppe, Light, Gaz, conhaque Macieira, Dubonnet, Parc Royal, biscoitos do Rio Grande, cigarros Ophelia, água mineral Salutaris, Caixa Econômica Federal. BRUNELLI, Silvana, *Diálogo entre as artes plásticas e a publicidade no Brasil*. São Paulo, 2007 (Tese ECA-USP).

⁸ CAMPOFIORITO, Quirino, “Calixto Cordeiro”, *O Jornal*, 27-02-1957.

⁹ XEXÉU, Mônica F. B. “Calixto Cordeiro – uma trajetória”. MNBA. *Calixto Cordeiro*. Rio de Janeiro, 1987 (catálogo).

¹⁰ *Rio de Janeiro e Arredores*. Rio de Janeiro: Guias do Brasil, Ltda, 1939, p. 441.

jornalista Oscar Amadeu Ferreira Lopes escreveu para a *Gazeta de Notícias* uma série de reportagens sobre o colecionismo no Rio de Janeiro, descrevendo, na penúltima, o que chamou de Gabinete artístico do Museu Simoens da Silva. Quanto às caricaturas, afirmou tê-las visto em um álbum, relacionando 21 artistas, dentre eles, Calixto Cordeiro, concluindo: *É todo o estado maior da caricatura nacional*.¹¹ O que sugere ser de longa data a relação entre o artista e o colecionador.

Igualmente o catálogo revela dois nus (nº 166 e 190) de Calixto Cordeiro¹². Acreditamos ser o intitulado *Luxúria* e descrito como “desenho colorido”, o pertencente ao Museu Mariano Procópio.

Com o tempo, a coleção de nus foi se avolumando, por oferta dos próprios artistas. Ela teria se iniciado por volta de 1905, com nus “assinados por Amoedo, Escobar de Almeida e D. Pedro Lyra”.¹³ Em 1957, onze anos após a morte do colecionador, do referido catálogo do leilão constava, aproximadamente, 40 nus.

Ao longo do tempo, vários jornalistas, em reportagens sobre o Museu Simoens da Silva, se referiram aos nus, principalmente à forma como encontravam-se expostos. Oscar Amadeu Ferreira Lopes, em 1905, já os vira fixados na parede do dormitório de Simoens da Silva e não em álbuns, como as caricaturas.

David Nasser, em texto para a revista *O cruzeiro*, quarenta anos depois, igualmente escreveu: “No quarto do sábio, um leito de jacarandá sem colchão. Por trás do leito, desenhos de mulheres, vestidas apenas com o manto diáfano do poeta. Sobre a nudez a legenda: ‘Paraíso figurado’.”¹⁴

Quando da morte de Simoens da Silva, em 1948, *O Diário de Pernambuco*, em matéria sobre o colecionador e seu museu, referiu-se aos nus com certa ironia:

Descendente de família aristocrática, homem de hábitos severos – dormia numa bela cama de jacarandá sem colchão e sem travesseiros – dava, porém, a vida que podia ver e viver, o máximo de potencialidade. Acima de seu leito de frade trapista haviam dezenas de desenhos de mulheres nuas, como sugestões de um mundo que se renova sempre.

Em algum momento antes de novembro de 1927, Simoens da Silva passou a concentrar em seu quarto não só os nus, mas também outros desenhos: a parede

¹¹ O.L. “Collecções Mortas, Gabinetes de Arte.” *Gazeta de Notícias*, 18/07/1905, Rio de Janeiro,

¹² Há no catálogo a obra de nº 2025, identificada como “CALIXTO – Pintura a óleo – Marinha, Praia e Pescadores”. Entretanto, como no catálogo encontramos também obras de Benedito Calixto, ficamos em dúvidas se esse CALIXTO não é o Benedito.

¹³ OL (Oscar Amadeu Ferreira Lopes), “Gabinete artístico do Museu Simoens da Silva”, *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18-07-1905, p.3.

¹⁴ NASSER, David, “O CAÇADOR de crânios humanos”. *O Cruzeiro*, 20 de janeiro de 1945. Rio de Janeiro. p. 9-18.

paralela à cama era dedicada às caricaturas, a da cabeceira aos nus e o espaço sobre portas e janelas aos demais desenhos¹⁵.

Os fotógrafos, ao registrarem o museu, também destacavam o quarto e a parede de nus. Na referida reportagem de *O cruzeiro*, por exemplo, o fotógrafo Jean Manzon mostra o colecionador, no quarto, ao lado da cama, tendo, à frente, dois cães, e, ao fundo, os nus na parede. A foto é impressa em página inteira, percebendo-se bem os desenhos (fig.6).

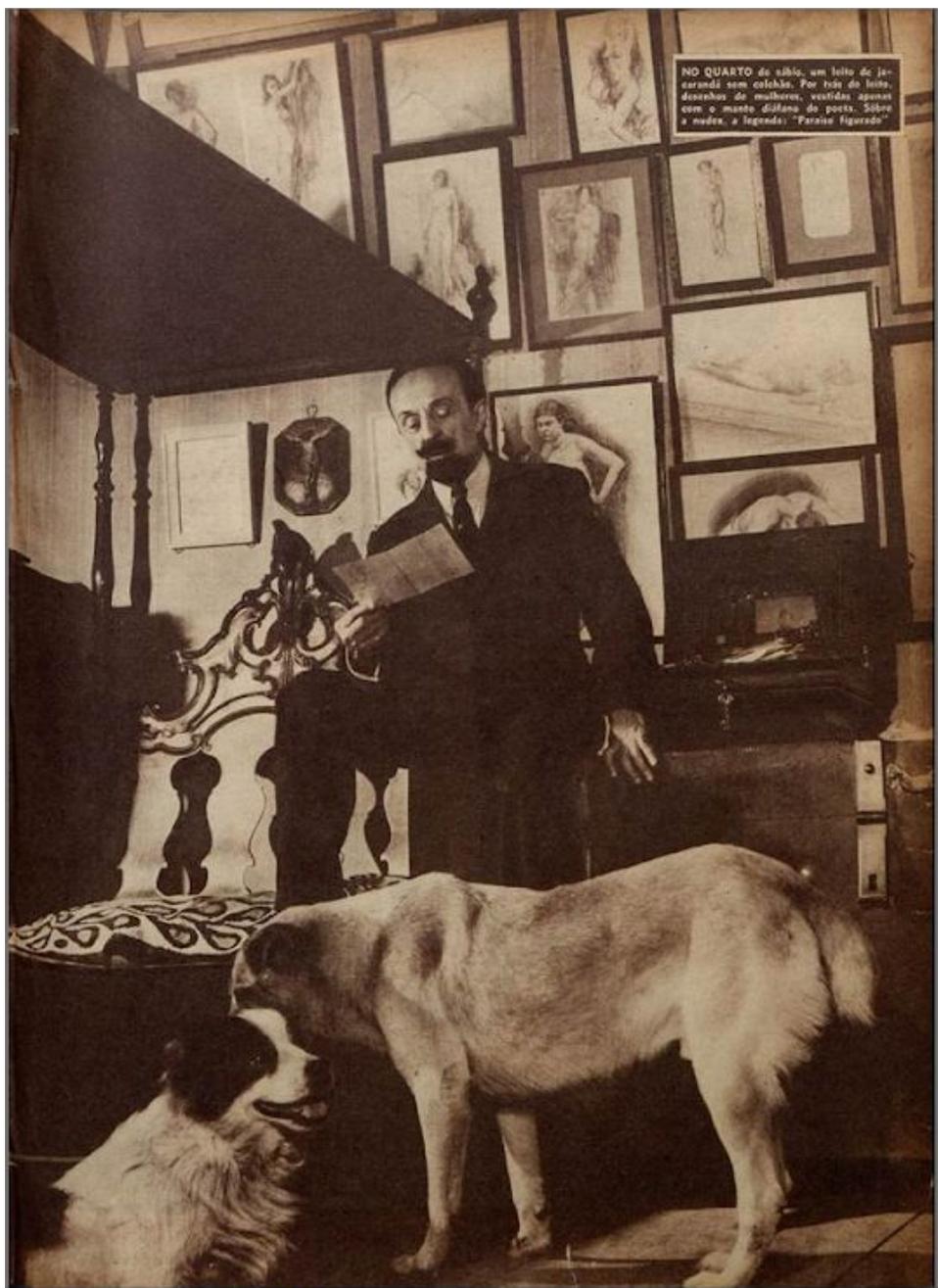


Fig. 6. Jean Manzon, fotografia, In: David Nasser, "O CAÇADOR de crânios humanos". *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1945.

¹⁵ "O Museu Simoens da Silva". *A Ilustração Brasileira*, nov. de 1927.

Aqui cabe uma pausa para nos atermos às fotos de Jean Manzon. O texto de David Nasser intitula-se “O CAÇADOR de crânios humanos”, referindo-se ao colecionador e ao caráter estranho de sua coleção. Ao mesmo tempo em que destaca os crânios colecionados, Nasser constrói a personalidade de Simoens da Silva apresentando-o como, além de intelectual excêntrico, um ser eternamente seduzido pelo sexo feminino, em consonância com o caráter sensacionalista da revista *O cruzeiro*.

As fotos de Manzon dialogam com o texto de Nasser, mas possuem uma visão própria. As nove páginas da reportagem apresentam dezoito fotografias ocupando muito mais espaço que o texto, exprimido nas laterais, sendo duas fotos em folha inteira; como característico do fotojornalismo que o francês Jean Manson ajudou a implementar no Brasil¹⁶. As fotografias sintetizam bem a estética de Manzon: ângulos de baixo para cima e vice-versa, tomadas oblíquas, ênfase em detalhes expressivos e uso intencional da cenografia.

Os crânios aparecem em nove fotos, o colecionador em cinco. Na foto de abertura da matéria, Simoens segura um manequim feminino, portando vestes de havaianas, perpendicular ao seu corpo, sugerindo muito sutilmente uma penetração. A legenda inicia-se dizendo: “No museu particular de Simoens da Silva, o notável arqueólogo brasileiro, existe tudo, desde xícaras do Café Papagaio até as vestes de palha de havaianas, mulheres lindas que êle conheceu, em Honolulu...”, reforçando a sugestão da foto.

Nas fotografias do quarto realizadas ao longo do tempo, é possível também observar a presença de objetos religiosos. Em 1927, na reportagem da *Ilustração Brasileira*¹⁷, percebe-se dois ostensórios sobre uma cômoda ao lado da cama, contra a parede dos nus. Em 1945, na foto de Jean Manzon, um pouco acima da cama, vê-se um Cristo crucificado, entre os nus. Se, à primeira vista, a morte de Cristo para salvar a humanidade não se coaduna com a proximidade de mulheres nuas, sua existência corpórea praticamente despida os aproxima. Interessante refletir sobre essa disposição dos nus na cabeceira da cama, ao lado de obras sacras; sobre a aparente contradição entre o aristocrata “frade trapista” e o colecionador de “desenhos de mulheres nuas”, sobre a relação entre o sagrado e o profano.

Igualmente pode-se refletir sobre a relação entre o público e o privado. Há muito algumas pinturas foram consideradas mais apropriadas para o quarto, outras para a sala de estar. As imagens devocionais comumente adequavam-se aos espaços de recolhimento, como o quarto. O nu exigia a privacidade de um álbum ou de um ambiente acessível apenas a poucos. O quadro a *Origem do mundo*,

¹⁶ Sobre as fotorreportagens produzidas por Jean Manzon para *O Cruzeiro* entre 1943 e 1951, período em que o fotógrafo francês trabalhou para a revista dos Diários Associados, ver: COSTA, Helouise; MONZEGLIO, Elide. *Um olho que pensa: estética moderna e fotojornalismo*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999. COSTA, Helouise; BURGI, Sérgio (Org.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

¹⁷ “O Museu Simoens da Silva”, *Ilustração Brasileira*, nov. 1927

pintado por Courbet, é o exemplo mais conhecido. Ele fora encomendado por Khalil Bey, diplomata turco instalado em Paris e colecionador, que o mantinha em seu banheiro, protegido por uma cortina; posteriormente, depois de longo trajeto, o psicanalista Jacques Lacan adquiriu o quadro, escondendo-o por detrás de outra obra¹⁸. Os nus de Simoens igualmente habitavam o espaço da intimidade, neste caso, o quarto do proprietário, mas, paradoxalmente, ficavam expostos aos olhares estranhos, integrados ao circuito do museu, alvos de muita curiosidade.

Também a relação de Simoens com as mulheres pode ser problematizada. Não encontramos nenhuma entrevista em que ele fale de seu casamento. Simões criou para si, em suas entrevistas à imprensa, uma narrativa em que surge como intelectual desprendido, aristocrata educado e, sobretudo, sedutor. Não se trata aqui de questionar-se a veracidade dos fatos, mas de entender o sentido da narrativa, da qual participa a parede de nus¹⁹.

O desenho, *Luxúria*, de Calixto Cordeiro, foi oferecido a Simoens da Silva em 1947; como o colecionador morreu em 1948, é provável que o desenho não tenha tido tempo ou espaço para juntar-se aos outros nus na referida parede.

A coleção de Waldir dos Santos Lima e o Museu Mariano Procópio

As coleções que compunham o museu de Simoens da Silva foram leiloadas em 1957. Talvez, nessa data, Waldir dos Santos Lima (1913-1965), então major, teria adquirido o desenho de Calixto Cordeiro, juntamente com outro, um nu feminino, de Leopoldo Gotuzzo, também oferecido a Simões da Silva, ambos, hoje, pertencentes ao Museu Mariano Procópio.

Segundo informações da família Santos Lima a Douglas Fazolatto, antigo diretor da instituição e membro do Conselho de Amigos do Museu Mariano Procópio, após a morte de Waldir dos Santos Lima, em 1965, então general reformado, seu filho, Sérgio dos Santos Lima, também militar, doou, em memória do pai, ao Museu Mariano Procópio, uma coleção de seis desenhos de figuras humanas, a maioria nus.²⁰ Ao que tudo indica, o general Waldir foi um homem culto, colecionador de arte brasileira, tendo seu retrato pintado por Manuel Santiago.

A família Santos Lima possuía vínculos com a região de Juiz de Fora. O pai do general Waldir, Raul Eugênio dos Santos Lima, engenheiro militar, foi por algum tempo professor de literatura dos colégios militares de Barbacena. O próprio

¹⁸ SAVATIER, Thierry, *L'origine du monde*, 4e édition revue, corrigée et augmentée Broché, Paris: Omnia; 2009.

¹⁹ CRHISTO, Maraliz de C. V. "Museu Simoens da Silva: algumas questões", comunicação apresentada no VIII Seminário Interno do Laboratório de História da Arte da UFJF em maio de 2018.

²⁰ Segundo as fichas técnicas do Museu Mariano Procópio, os desenhos seriam: *s.t.*, 1947, Calixto Cordeiro; *Cabeça de Sátiro*, 1935, Armando Pacheco (1913-1965); *Autorretrato*, 1957, A. Moya; *Nu masculino*, 1847, Antônio Madaleno; *Nu masculino*, s.d., Antônio Madaleno.

General Waldir servira como comandante da Remonta, em Juiz de Fora, e seu filho, Sérgio dos Santos Lima, encontrava-se na década de 1960 em serviço no 10º Batalhão de Infantaria, em Juiz de Fora.

A proximidade física com o Museu Mariano Procópio, provavelmente, facilitou o conhecimento do referido museu e a doação dos desenhos. Entretanto, a proximidade política igualmente pode ter influenciado.

Na época, o Museu Mariano Procópio era dirigido por Geralda Armond, entusiasta do golpe militar de 1964, a ponto de criar no museu uma sala dedicada ao General Olímpio Mourão Filho (1900-1972), responsável pelo deslocamento de tropas de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro, na madrugada de 30 de março de 1964, precipitando o golpe²¹.

No Museu Mariano Procópio, a coleção de desenhos do General Waldir dos Santos Lima, dentre eles *Luxúria* de Calixto Cordeiro, permaneceu na reserva técnica, não se tendo conhecimento de sua participação em alguma exposição.

²¹ PINTO, Daniel Cerqueira. *General Olympio Mourão Filho: carreira político-militar e participação nos acontecimentos de 1964*. Juiz de Fora, 2015 (Dissertação, PPG-História, UFJF)